

Resenha: NASR, Seyyed Hossein. Man and Nature: The Spiritual Crisis in Modern Man. 1ª ed. Chicago: Kazi Publications Inc., 1997.

Paulo Henrique Fernandes da Silva Ferreira Braga

Pós-graduado em Filosofia pela Universidade Municipal de São Caetano do Sul/SP (USCS), e MBA em História da Arte também pela USCS. Psicólogo e psicoterapeuta com atuação desde 2018, formado em Psicologia pela Universidade Paulista (UNIP, com bolsa integral e iniciação científica), com experiências na área de Triagem Interventiva, Psicodiagnóstico Interventivo, Plantão Psicológico, Atendimento Escolar nas áreas da Psicologia Fenomenológico-existencialista, e Psicologia Cognitiva. Realização de Iniciação Científica (voluntária) pelo programa unificado de iniciação científica.

Resumo

Resenha do livro: "*Man and Nature: The Spiritual Crisis in Modern Man*" é uma obra de Seyyed H. Nasr que examina a crise espiritual enfrentada pelo ser humano moderno em relação à natureza. Nasr aborda a crescente desconexão entre o homem e a natureza devido à visão mecanicista predominante na sociedade moderna. O livro propõe uma visão alternativa que busca restaurar a harmonia entre o homem e a natureza. Com sua abordagem interdisciplinar, o livro desafia as concepções convencionais e convida os leitores a refletir sobre a crise espiritual contemporânea e a buscar uma reconciliação significativa com o mundo natural. É uma leitura indispensável para quem se interessa por filosofia, ciência e meio ambiente.

Palavras-chave: Filosofia; Meio Ambiente; Natureza; Ciência.

Abstract

Review of the book: "*Man and Nature: The Spiritual Crisis in Modern Man*" is a work by Seyyed H. Nasr that examines the spiritual crisis faced by modern humans in relation to nature. Nasr addresses the growing disconnect between humans and nature due to the prevalent mechanistic worldview in modern society. The book proposes an alternative vision that seeks to restore harmony between humans and nature. With its interdisciplinary approach, the book challenges conventional notions and invites readers to reflect on the contemporary spiritual crisis and seek meaningful reconciliation with the natural world. It is an essential read for those interested in philosophy, science, and the environment.

Keywords: Philosophy; Environment; Nature; Science.

Apresentação do livro

"*Man and Nature: The Spiritual Crisis in Modern Man*" é uma obra significativa escrita por Seyyed Hossein Nasr, um estudioso, filósofo e autor iraniano. Publicado originalmente em 1967, o livro examina profundamente a crise espiritual enfrentada pelo ser humano moderno em relação à natureza e ao mundo natural. Neste trabalho, Nasr explora a desconexão cada vez maior entre o ser humano e a natureza, resultante do avanço da sociedade moderna e da predominância de uma visão mecanicista e materialista do mundo. Ele argumenta que essa separação tem consequências profundas para a humanidade, levando à alienação, à degradação do meio ambiente e ao enfraquecimento do espírito humano.

Com base em sua compreensão profunda da tradição metafísica e sua visão única da relação entre o homem e a natureza, Nasr oferece uma crítica relevante às visões mecanicistas e reducionistas predominantes na ciência moderna. Ele destaca a importância de reconectar o ser humano com a natureza e de reconhecer o valor intrínseco e espiritual do mundo natural. Ao longo do livro, Nasr explora os princípios metafísicos e espirituais que sustentam a interconexão entre o homem e a natureza, destacando a necessidade de uma abordagem que integre a dimensão espiritual e material da existência.

Ele também examina o papel das tradições espirituais na promoção de uma relação harmoniosa entre o ser humano e o mundo natural. "*Man and Nature: The Spiritual Crisis in Modern Man*" é uma obra profundamente filosófica e espiritual que desafia as concepções convencionais e propõe uma visão alternativa que busca restaurar a harmonia e a conexão entre o homem e a natureza. Através de sua escrita eloquente e erudita, Nasr convida os leitores a refletir sobre a crise espiritual contemporânea e a buscar uma reconciliação significativa com a natureza e o mundo natural.

Este livro influente tem sido amplamente aclamado por sua análise, sua abordagem interdisciplinar e sua mensagem oportuna e relevante para a sociedade moderna. É uma leitura indispensável para aqueles interessados na interseção entre

espiritualidade, filosofia, ciência e meio ambiente, oferecendo uma visão profunda e provocativa sobre o nosso relacionamento com a natureza e o mundo ao nosso redor.

Introdução

Nasr introduz o livro como resultado de quatro conferências proferidas na Universidade de Chicago em maio de 1966. Essas conferências refletem a crescente preocupação em relação aos efeitos negativos da tecnologia. O objetivo é identificar as causas subjacentes da desordem atual da natureza ou da relação homem-natureza, que são cada vez mais evidentes.

O autor do livro argumenta que embora a ciência em si seja legítima, seu papel e aplicação se tornaram ilegítimos e até perigosos devido à falta de um controle ético, um conhecimento superior que a integre e à perda do valor sagrado e espiritual atribuído à natureza. Para resolver essa situação, o autor propõe revitalizar o conhecimento metafísico relacionado à natureza e restaurar sua sacralidade. A proposta é buscar um equilíbrio entre a ciência moderna e uma compreensão mais profunda da natureza, a fim de enfrentar os desafios contemporâneos e restaurar a harmonia entre o homem e a natureza.

Capítulo um: *The Problem*

No capítulo um, intitulado: “O Problema”, Seyyed Hossein Nasr defende que foram feitos numerosos estudos sobre a crise causada pela ciência moderna e suas aplicações diretas na natureza [o *habitat* das plantas, florestas e muitos animais], mas poucos procuraram as profundas causas intelectuais e históricas responsáveis por esse estado de coisas.

Atualmente, quase todos que vivem nos centros urbanizados do mundo ocidental sentem intuitivamente uma falta de algo na vida. Isso se deve diretamente à criação de um ambiente artificial do qual a natureza foi excluída ao máximo

possível. Mesmo o homem religioso nessas circunstâncias perdeu o senso do significado espiritual da natureza. O domínio da natureza tornou-se uma 'coisa' sem significado, e ao mesmo tempo o vazio criado pelo desaparecimento desse aspecto vital da existência humana. Além disso, até mesmo esse tipo de existência urbanizada está ameaçado, por meio da própria dominação da natureza que a tornou passível de exploração econômica e tecnológica. Apesar de todo o clamor oficial sobre a dominação cada vez maior sobre a natureza e o chamado progresso que se supõe ser seu concomitante econômico, muitos percebem em seus corações que os castelos que estão construindo estão sobre areia e que há um desequilíbrio entre o homem e a natureza. A natureza tornou-se dessacralizada para o homem moderno. A natureza passou a ser considerada como algo a ser usado e desfrutado ao máximo. O caráter quantitativo da ciência moderna deve ser destacado, em particular, porque existe como uma tendência geral que busca, como ideal, a redução de toda qualidade à quantidade e de tudo o que é essencial no sentido metafísico ao material e substancial.

Continua o autor, o impacto total da ciência moderna na mentalidade humana tem sido fornecer conhecimento sobre os acidentes das coisas, desde que se esteja disposto a renunciar ao conhecimento da substância que subjaz a todas as coisas.

A perspectiva restritiva ligada à ciência moderna torna impossível o conhecimento de cosmologia no verdadeiro sentido da palavra, dentro da matriz da visão científica moderna. A cosmologia é uma ciência que lida com todas as ordens da realidade formal, das quais a ordem material é apenas um aspecto. Seyyed afirma que está é uma visão generalizada da física e da química terrestres, e, como já apontado por certos teólogos e filósofos, ela realmente não tem qualquer significado teológico direto, a menos que seja por acidente. Diante de tudo isso, é necessário recorrer, ainda que brevemente, à visão de cientistas e filósofos da ciência moderna, especialmente da física, sobre o significado da natureza total das coisas. É claro, não se deve ser contra a ciência, isso seria um ato ignorante.

E dentro desse debate, Nasr descreve algumas das tendências epistemológicas presentes nessa discussão:

[i] O positivismo lógico, originado do Círculo de Viena, composto por R. Carnap, Ph. Frank, H. Reichenbach e outros. Buscando eliminar o último espectro de significado metafísico da ciência moderna, os seguidores dessa escola acreditam que não cabe à ciência descobrir a natureza das coisas ou algum aspecto do real. Cabe estabelecer conexões entre signos matemáticos e físicos;

[ii] O operacionalismo. Os operacionalistas, associados principalmente ao nome de P. Bridgman no campo da física. Com base em um desprezo por uma visão de mundo unificada e uma metodologia monolítica para a ciência, essa escola atribui todo significado na ciência às operações que podem definir seus conceitos. A própria operação, e não o real, é a matriz última do conhecimento científico. Na filosofia operacional, há um toque do mundo pluralista de William James, ou seja, um desprezo por uma base filosófica e metodológica total para a ciência, característica da mentalidade anglo-saxônica em geral.

[iii] O não-realismo lógico. Entre seus membros, os mais proeminentes são H. Poincaré e P. Duhem, ambos conhecidos matemáticos e físicos. Duhem também é um eminente historiador da ciência, e o mesmo pode ser dito de E. Mach, físico, filósofo e historiador da ciência. O ponto em que concordam é que os conceitos derivados por intelecção, que constituem as leis e o conteúdo inquestionável da ciência moderna, não são aspectos descobertos da realidade com um aspecto ontológico. Em vez disso, são conceitos mentais irreduzíveis e convenções subjetivas de natureza linguística estabelecidas pelos cientistas para que possam estabelecer comunicação entre si. A ciência, assim, é concebida como conhecimento de noções subjetivas em vez da existência de uma realidade objetiva.

O autor afirma também que os paradigmas científicos se tornaram dogmas filosóficos que passaram a embasar toda a cosmovisão moderna e até o próprio fazer científico. Oferece, como exemplo, o princípio da indeterminação que é interpretado como significando a liberdade da vontade humana ou a falta de um nexo de causalidade entre as coisas. A hipótese da evolução, ela mesma uma criação

da filosofia do século XIX, torna-se um dogma da biologia apresentado ao mundo como uma verdade axiomática e, além disso, uma moda mental que permeia todos os domínios, de modo que não se estuda mais nada em si mesmo, apenas sua evolução ou história.

Em síntese, o primeiro capítulo destaca a ausência de uma teologia da natureza que possa conectar espiritualmente o homem e a natureza de maneira satisfatória. A falta de harmonização entre a teologia cristã e a filosofia natural impede a compreensão profunda dos fenômenos naturais e sua significância espiritual. A perda do espírito contemplativo e simbolista resultou na falta de intimidade com a natureza como um cosmos significativo. O declínio da gnose e a ascensão do misticismo sentimental levaram a uma visão de mundo desprovida de símbolos e profundidade espiritual.

A mudança de uma mentalidade simbolista para uma factual reflete uma queda espiritual correspondente à queda original do homem. A perda do relacionamento Eu-Tu com a natureza e sua substituição pelo relacionamento Eu-Isso resultam em uma perda da conexão sagrada com o mundo natural. A predominância da visão quantitativa da natureza e sua exploração utilitária ameaçam devorar o homem moderno, a menos que ele seja capaz de recuperar uma visão do paraíso perdido.

Para superar essa crise espiritual, é necessário lembrar os aspectos intelectuais e metafísicos que estabelecem uma integração da ciência com uma metafísica superior. Essa jornada requer a redescoberta do significado espiritual da natureza e o reconhecimento das causas históricas e intelectuais que levaram ao impasse atual.

Capítulo dois: *The Intellectual and Historical Causes*

No capítulo dois, intitulado: “Causas intelectuais e históricas” o autor começa atribuindo parte da culpa à negligência de outras concepções de ciência e pela falta de compreensão do verdadeiro significado das cosmologias antigas e medievais. A investigação da história da ciência, que se tornou uma disciplina

acadêmica importante neste século concentrou-se mais em glorificar a ciência moderna ou em buscar suas raízes históricas do que em fazer um estudo aprofundado das concepções da natureza em diferentes civilizações e épocas da história, ou em penetrar no significado metafísico das ciências antigas e medievais.

Destaca também o trabalho pioneiro de homens como Berthelot, Mach, Duhem, Sarton, Tannery, Thorndike e outros que contribuíram para o entendimento da atividade científica de outras épocas. No entanto, poucas dessas obras podem ajudar a resolver o problema da crise moderna do encontro entre o homem e a natureza, pois há uma seletividade no tema. Houve, entre os historiadores profissionais da ciência uma negligência singular do significado simbólico das ciências antigas e medievais.

Seyyed rememora que, os filósofos pré-socráticos, longe de serem exemplos precoces de naturalistas e cientistas modernos, ainda estavam buscando a substância universal que é ao mesmo tempo espiritual e corpórea, e podem ser legitimamente comparados aos cosmologistas hindus da escola de Sarpkhyia. A água de Tales não é o que flui nos rios e córregos, mas sim o substrato psico-espiritual e o princípio do mundo físico.

No Ocidente, a tradução de obras árabes para o latim resultou em um racionalismo que substituiu a teologia agostiniana anterior, baseada na iluminação, e a visão contemplativa da natureza por um ambiente cada vez mais racionalista. Posteriormente, escreve, todo o debate sobre universais tornou-se nesse momento a arma favorita para atacar a razão e mostrar as inconsistências de suas conclusões. Guilherme de Ockham produziu uma filosofia de dúvida, uma espécie de teologia nominalista. Ockham criou um teologismo que destruiu a certeza da filosofia medieval e alimentou o ceticismo filosófico. A Idade Média, portanto, chegou ao fim em um clima no qual a visão simbólica e contemplativa da natureza havia sido em grande parte substituída por uma visão racionalista, e isso, por sua vez, por meio da crítica dos nominalistas, havia levado ao ceticismo filosófico. Daí em diante, a operação cirúrgica cartesiana ganhou palco e o espírito e a matéria se tornaram totalmente separados do pensamento científico e filosófico. O domínio da ciência

era a matéria, que era um puro 'isso', completamente divorciado de qualquer aspecto ontológico além da pura quantidade.

Em suma, este capítulo aborda diferentes aspectos da relação entre o homem e a natureza, explorando perspectivas filosóficas, científicas e religiosas. Conta que, no século XIX, o movimento romântico buscou restabelecer um vínculo íntimo com a natureza, destacando seu significado espiritual e sua influência sobre o ser humano. No entanto, essa abordagem sentimental não foi capaz de moldar o conhecimento de forma significativa. Com o colapso da física clássica, surgiram desafios na interpretação da nova ciência e sua integração em uma perspectiva mais ampla.

O advento da teoria da evolução trouxe consigo um novo paradigma, mas também levantou questões sobre a visão orgânica das ciências físicas e sua relação com princípios mais elevados. Enquanto alguns encontraram oportunidades para explorar outros pontos de vista, houve também o surgimento de movimentos pseudoespirituais e ciências ocultas, muitas vezes baseadas em interpretações equivocadas ou perigosas. A resposta teológica à crise da física clássica foi, em grande parte, uma resposta fraca, muitas vezes adotando ideias descartadas pela própria ciência.

Capítulo três: *Some Metaphysical Principles Pertaining to Nature*

No capítulo três, intitulado: “Alguns princípios metafísicos relativos à natureza”, Nasr define a metafísica como a ciência do Real, da origem e do fim das coisas, do Absoluto e do relativo. Uma ciência tão rigorosa e exata quanto a matemática, mas que só pode ser alcançada através da intuição intelectual e não simplesmente através da raciocinação. A intuição metafísica pode ocorrer em qualquer lugar. Essa ciência suprema do Real, é a única ciência que pode distinguir entre o Absoluto e o relativo, aparência e realidade. É somente à sua luz que o homem pode distinguir entre os níveis de realidade e estados de ser e ser capaz de ver cada coisa em seu lugar no esquema total das coisas.

O autor afirma que, nas tradições orientais, a metafísica perdura até os dias atuais, transcendendo fronteiras e fundindo-se em uma unidade doutrinária, embora não conheça distinções entre Oriente e Ocidente. No Ocidente, também encontra-se uma verdadeira metafísica de elevada magnitude, presente nos escritos pitagóricos-platônicos dos antigos gregos, destacando-se particularmente em Plotino.

Ao direcionar a atenção para o Extremo Oriente, deparar-se-á com a tradição chinesa, notadamente o Taoísmo e o Neoconfucionismo, onde a devoção à natureza e a compreensão de seu significado metafísico assumem uma importância extrema.

No Taoísmo, todas as entidades no mundo são geradas por meio de processos de diferenciação e atribuição, resultando na manifestação de sua própria essência e forma física. Essa forma corporal representa o invólucro que preserva o espírito, e cada entidade possui suas próprias manifestações únicas, conhecidas como sua Natureza.

Nessa compreensão metafísica, tanto o Céu quanto a Terra desempenham papéis significativos. O Céu, em seu sentido metafísico, deriva de uma Origem primordial, enquanto a Terra adquire sua importância metafísica a partir do Céu. Portanto, o ser humano deve viver em consonância com a hierarquia existente neste mundo. O Tao-Te Ching afirma que os caminhos dos seres humanos são condicionados pelos caminhos da Terra, os caminhos da Terra são condicionados pelos caminhos do Céu, os caminhos do Céu são condicionados pelos caminhos do Tao, e o Tao surge espontaneamente. Essa compreensão sugere que o Céu reflete o Princípio Supremo, e a Terra reflete o Céu. No Taoísmo, a Terra não é vista como uma mera natureza oposta à graça divina, mas como uma imagem de um protótipo divino. Contemplar a Terra nos conduz em direção à realidade que tradicionalmente o termo 'céu' representa. Através de sua Causa e Princípio, o mundo pode ser compreendido em um sentido metafísico, e não apenas empiricamente. O mundo possui uma Primeira Causa, frequentemente simbolicamente considerada como a Mãe do Mundo, e compreender essa Causa simbólica permite conhecer o Filho. Ao manter a consciência da Mãe enquanto se conhece o Filho, é possível encontrar

segurança e evitar danos. Essa compreensão simbólica destaca a importância de perceber a manifestação sem perder de vista o Princípio.

Em suma, esse capítulo apresenta uma concepção espiritual da natureza ao longo da história. Começa com Johannes Scotus Erigena, um estudioso irlandês do século IX, que desenvolveu uma formulação completa da natureza em termos metafísicos.

Em seguida, discute a figura de São Hildegarda de Bingen, cuja exposição da estrutura do cosmos foi combinada com notáveis miniaturas. Ela demonstrou a integração da ciência e da arte na Idade Média.

O autor explorou também a figura de Roger Bacon, considerado um precursor da ciência moderna. Ele acreditava na hierarquia do conhecimento e na interconexão entre diferentes níveis de existência. Sua abordagem iluminista e pitagórica influenciou a busca pela integração do conhecimento científico, filosófico e teológico na estrutura total do cristianismo. Por fim, abordou a necessidade de resgatar a tradição do estudo da natureza dentro das doutrinas metafísicas e intelectuais.

Capítulo quatro: *Certain Applications to the Contemporary Situation*

No quarto capítulo, intitulado: “Certas aplicações para a situação contemporânea”, Nasr propõe uma redescoberta e restabelecimento de uma tradição metafísica no Ocidente para o rejuvenescimento da filosofia e da ciência. A ciência, diz o autor, não pode ser considerada infalível apenas por causa de suas aplicações práticas bem-sucedidas. Ainda que inventores e cientistas tenham usado teorias que mais tarde se provaram falsas, suas invenções continuaram a funcionar. Isso demonstra que o sucesso da ciência aplicada não implica na infalibilidade das teorias científicas envolvidas. Portanto, é necessário um olhar crítico e consciente em relação à ciência e suas implicações, tanto por parte dos cientistas quanto daqueles que são afetados pelas versões simplificadas das teorias científicas. A filosofia da ciência, embora tenha apontado inconsistências lógicas em algumas

definições e métodos científicos, não pode ser um juiz independente da ciência moderna, pois também se beneficiou dos frutos dos métodos experimentais e analíticos. Assim, é essencial uma análise inteligente e informada da ciência e suas implicações, tanto para os cientistas quanto para o público em geral.

A restauração de uma doutrina metafísica completa tem o potencial de delinear os níveis e estágios da realidade, apresentando a anatomia do ser em suas múltiplas formas. A filosofia ocidental, desde Descartes, reduziu a realidade a mente e matéria, o que influenciou a ciência e a física matemática. Essa visão reducionista excluiu a natureza e enfraqueceu a compreensão da estrutura tripartida do ser humano: espírito, alma e corpo. Essa metafísica revigorada não se trata de um retorno ao paganismo, ao culto da Natureza, mas no respeito e reconhecimento de seu valor simbólico e completo. Isso implica em uma restauração do lugar do homem diante do cosmos, o que resultaria na superação do niilismo moderno.

O sofrimento é causado pela aplicação excessiva da tecnologia e pela condução da guerra, ambos unidos em sua inimizade e agressão contra a natureza. O fruto amargo da atitude puramente antagônica em relação à natureza é tão evidente hoje que poucos podem se dar ao luxo de ignorar qualquer meio que possa fornecer uma solução para isso.

As próprias qualidades, formas e harmonias que a física deixa de lado do seu ponto de vista quantitativo, muito longe de serem acidentais ou desprezíveis, são os aspectos mais intimamente ligados à raiz ontológica das coisas. É por isso que a aplicação de uma ciência que negligencia esses elementos causa desequilíbrio e traz desordem e feiura, especialmente em um mundo onde não existem outras ciências da natureza e onde não há sabedoria ou sapiência que poderia colocar as ciências quantitativas em seu devido lugar.

A quantidade não é tudo, nem é o todo dos objetos reais. É por isso que cada imagem do mundo, à medida que se torna matematicamente mais exata, também se torna simbolicamente menos direta e mais distante do conhecimento metafísico que a aparência imediata da natureza transmite por meio de seu simbolismo.

Do ponto de vista metafísico, a realidade de uma espécie não se esgota em suas manifestações puramente materiais. Assim como outras coisas, a espécie é uma 'ideia' cuja impressão em forma material não confina e esgota sua realidade essencial, que permanece independente da matéria. Uma espécie não poderia evoluir para outra porque cada espécie é uma realidade independente qualitativamente diferente das outras. Como acontece no domínio da qualidade em geral, cada qualidade é uma realidade independente, mesmo que produzida materialmente por outras, como exemplificado no caso das cores, em que uma cor produzida pela mistura de duas outras cores é ela própria uma nova e independente qualidade. No que diz respeito às espécies, do ponto de vista metafísico, elas são, em última análise, tantas 'ideias' que, em um momento cósmico específico, se tornaram impressas no mundo corpóreo e mantêm sua realidade em outros planos de existência. Acima de tudo, a metafísica e também a lógica não podem aceitar a possibilidade do maior surgir a partir do menor, a menos que já esteja presente de alguma forma. A consciência ou o espírito não poderiam evoluir a partir da matéria, a menos que já estivessem presentes anteriormente à matéria, assim como não seria possível levantar fisicamente um objeto contra um campo gravitacional, a menos que já houvesse uma reserva de energia no agente que move.

Uma redescoberta da metafísica seria particularmente pertinente neste caso, pois removeria esse obstáculo filosófico e permitiria que os fatos fossem discutidos e debatidos em sua totalidade metafísica. Isso é especialmente importante no que diz respeito ao encontro do homem com a natureza, porque pseudo-filosofias desse tipo podem causar o maior dano à harmonia entre o homem e a natureza, ao apresentar o homem como o vencedor inevitável de uma longa luta, que, portanto, tem o direito de conquistar e dominar todas as coisas, ou ao destruir o significado espiritual da natureza, que depende precisamente do fato de que ela reflete uma realidade duradoura e permanente além de si mesma.

As pseudo-filosofias se tornam ainda mais perigosas quando começam a incorporar elementos religiosos e se apresentam como uma síntese de ciência e religião, ou de religião baseada em fatos científicos que, na realidade, não passam de hipóteses apoiadas por uma determinada atitude filosófica. O caso de Teilhard

de Chardin, a mais recente aventura desse tipo, é um exemplo perfeito de pseudo-metafísica ligada à teoria da evolução.

O significado da árvore como símbolo dos múltiplos estados de ser, ou da montanha como símbolo do cosmos, ou o sol como símbolo do princípio inteligível do Universo não diminui de forma alguma as descobertas da botânica, geologia ou astronomia. Mas se a natureza deve recuperar seu significado e se o encontro do ser humano com a natureza deve evitar os desastres e calamidades que o ameaçam hoje, esse conhecimento simbólico deve ser apresentado não como fantasia poética, mas como raiz ontológica das coisas. A natureza simbólica da árvore ou da montanha faz parte tão intimamente de seu ser quanto a casca da árvore ou as rochas de granito da montanha. Um verdadeiro símbolo não é menos feito pelo homem do que as propriedades da casca ou do granito.

Neste último capítulo, é discutida a importância da redescoberta do conhecimento metafísico e da espiritualidade em relação à natureza. Enfatiza-se que o conhecimento simbólico e ontológico da natureza pode levar a um amor e respeito por ela. Enquanto a ciência moderna se concentra na abordagem factual e quantitativa, a ciência dos símbolos é vista como complementar, restaurando o significado à natureza. Argumenta-se que a falta de uma orientação metafísica sólida e saudável permitiu a exploração irrestrita e ilimitada da natureza, levando a desequilíbrios e ameaças à vida humana. Ressalta-se que não pode haver paz genuína entre os seres humanos sem paz e harmonia com a natureza. A compreensão e busca pela verdade nesses assuntos são consideradas fundamentais, apesar das incertezas sobre a receptividade dessas ideias em um mundo cada vez mais voltado para seus próprios interesses.

Apresentando o autor

Seyyed Hossein Nasr é um estudioso, filósofo e escritor nascido no Irã. Obteve seus diplomas de bacharel e mestrado em Física pelo MIT e seu doutorado em História da Ciência e Filosofia na Universidade Harvard. Nasr ocupou várias

posições acadêmicas ao longo de sua carreira, incluindo professores na Universidade de Teerã, na Universidade Harvard e na Universidade George Washington.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

NASR, Seyyed Hossein. *Man and Nature: The Spiritual Crisis in Modern Man*. 1ª ed. Chicago: Kazi Publications Inc., 1997.